

## Conferência II – Museus vivem de futuro?





26/11– 17h

**Conferencistas:** Ulrike Fallmann (coordenadora do Quartier21 – Museums Quartier, Viena/Áustria).

**Coordenador de Mesa:** José Augusto de Paula Pinto (Diretor e Curador do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, Belo Horizonte – MG)

Ulrike Fallmann

Boa noite! Agradeço o convite, é um grande prazer estar aqui. Antes de começar, eu gostaria de dizer que nesta manhã eu tive uma experiência incrível no Ponto de Memória da Terra Firme. A experiência foi algo que eu não consigo colocar em palavras. O trabalho feito lá é incrível e, para mim, isso é um museu criativo e do futuro. Parabéns! Continuem assim.

De volta à minha apresentação, o que vocês veem aqui é uma imagem do MuseumsQuartier, em Viena. O *slogan* “it happens here” (acontece aqui) é o nosso *slogan* principal. O logotipo é MQ, que é uma abreviação de MuseumsQuartier. Primeiramente, eu gostaria de dar um panorama histórico do museu. O edifício em que está situado o MQ fica no centro de Viena e foi construído no século XIX. Foi encomendado, em 1713, pelo imperador Carlos VI, para abrigar um complexo de estábulos imperiais. Assim, não muito longe dele estava o Palácio Imperial, no centro de Viena. Ao final da Primeira Guerra Mundial, o local estava abandonado e, em 1922, esse complexo passou a abrigar o Centro de Convenções Austríaco, um lugar onde eram realizadas reuniões, conferências.

No início dos anos 1980, o Centro de Convenções Austríaco foi transferido para outro local. Ficou então a pergunta: o que fazer com esse lugar? É velho, é cinza, é grande e é bem no centro da cidade. Então, autoridades locais e federais se sentaram para discutir o que poderia ser feito. E a conclusão foi: “vamos fazer um centro cultural, vamos fazer um complexo cultural, com diferentes museus e muitas atividades culturais concentradas lá”. Então, esse foi o resultado. Na parte frontal, ainda parece bastante antigo. Já na lateral é moderno, com novos museus sendo construídos. O MQ possui cerca de 70 instalações culturais, entre elas, diferentes museus, como o Museu de Arte Moderna e o Kunsthalle Wien. Assim, todas essas instalações compõem o complexo, formado não apenas por museus, mas também por cafés, lojas e área de recreação. E eu trabalho na gerência de todo o complexo do MQ. O Departamento em que trabalho se chama Quartier 21; e o 21 refere-se ao século XXI porque o complexo foi concluído entre 2001 e 2002.

Essa introdução foi apenas para que vocês pudessem ter uma visão geral do “encantamento”.

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar um pouco sobre todo o MQ e, em seguida, falar especificamente sobre o conceito do MQ.

Quando falamos de MQ, o entendemos como a soma de cultura e espaço. É a mistura de arte, criatividade e espaços habitacionais, os três combinados de uma só vez. Somos uma nova categoria de distrito cultural urbano, o que significa que muitas coisas podem acontecer ao mesmo tempo. Atividades culturais diversas nas áreas de Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, Moda, Arquitetura, Teatro, Dança, etc., oriundas de diferentes contextos sociais acontecem no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Temos o espaço de arte, composto por nove instituições permanentes autoadministradas que, apesar de pertencerem ao MQ, têm o seu próprio diretor, sua própria gerência. Temos também o grande espaço que é o Quartier 21, onde eu trabalho. E também há o espaço habitacional.

Para os vienenses, o MQ é como a sala de estar deles, pois as pessoas o frequentam para tomar um ar, para tomar seu café, tomar uma bebida, ir ao restaurante ou ao museu. No MQ é possível fazer tudo isso e há ainda os espaços habitacionais, nos quais algumas pessoas realmente vivem. Esses espaços são compostos por vários *flats*.

O principal objetivo do MQ é fazer com que as pessoas possam experimentar a diversidade cultural. Também é objetivo chamar atenção para o local e colaborar com as principais instituições. Esses objetivos são bastante importantes para o futuro da instituição.

Também pretendemos promover diálogos, os mais diversos possíveis, que surgem da colaboração entre diferentes atores. Outro ponto importante é que o MQ seja facilmente acessível. Para tanto, os portões estão abertos 24 horas por dia. Assim, é possível entrar no jardim a qualquer momento. Não é possível entrar nas casas ou nos museus, mas no jardim é. Lá estão os famosos móveis criados por arquitetos, que já são uma marca do MQ, os quais são utilizados pelas pessoas para relaxarem.

Agora eu gostaria de falar um pouco sobre o conceito do MQ. O que ele tem de diferente dos outros museus? O trabalho realizado lá envolve produção, apresentação e comunicação, todos acontecendo no mesmo lugar. Há pequenos e grandes museus, e suas respectivas atividades. Os museus estão sempre colecionando, restaurando ou exibindo arte. Entretanto, para o MQ, é mais importante ainda que o visitante esteja entre as pessoas que circulam por lá, seja morando ou trabalhando. Muitas vezes é possível observar as pessoas trabalhando e assim, ser parte daquilo também. Isso não foi algo planejado desde o princípio, foi um experimento, sugerido por um diretor, e que funcionou. A preocupação era o que fazer com os espaços vazios, os quais não foram destinados à construção de um museu. Disso surgiram esses espaços abertos do MQ, locais de trabalho, oficinas, etc. Também há um grande cubo de vidro,

uma espécie de palco, onde as pessoas sentam e, às vezes, até trabalham ali. E o que nós fazemos no MQ é apoiar essas atividades que as pessoas fazem.

Existem cerca de 50 espaços para a realização de trabalhos autônomos criativos. Nossa função é dar apoio para todos os trabalhos criativos. Nossa intenção é que esses espaços estejam em constante mudança, que haja um trabalho conjunto. Nosso desafio é que esses locais não fiquem parados na mesma atividade, mas que haja participação e desenvolvimento constantes.

Temos um programa de residência artística em que artistas internacionais são convidados para morar por um período no MQ. Ser um parceiro do MQ é bastante fácil. Se você está realizando um trabalho relacionado ao setor criativo – mas também não necessariamente, pois não pedimos nada tão específico e o formato do trabalho é bastante livre – você pode se candidatar. É preciso enviar um texto dizendo como você pode colaborar com o MQ e porque você acha criativo o que está realizando. Após, nos verificamos se temos espaço para essa pessoa e, então, firmamos um contrato de curto prazo, de dois anos. O aluguel é bastante barato, pois a intenção é que o artista possa ter tempo para se desenvolver. O programa não tem a intenção de selecionar “os melhores”, não há cobrança de resultados, não há pressão. A pessoa pode viver e trabalhar lá, inspirar-se nas instituições, no lugar, na cidade. E, diferentemente de outras instituições em que você precisa entregar os trabalhos resultantes de sua residência, nós não colecionamos os trabalhos. Fiquei curiosa para saber quantos artistas brasileiros já haviam participado do programa e vi em nosso site que já recebemos no MQ seis artistas brasileiros. Não sei se vocês os conhecem, mas eles trabalharam com temas diversos, como Moda, Artes Plásticas, Mídia, Design e Música Eletrônica.

Também temos as *theme passages* (passagens temáticas). A entrada no MQ é feita por diferentes passagens, corredores que foram transformados em espaços artísticos para abrigarem exposições públicas, dedicadas a diferentes gêneros artísticos. Dessa forma, em vez de deixá-los sem nada, em branco, eles foram transformados em espécies de micro museus. Quando as pessoas estão entrando ou saindo do MQ, deparam-se com interessantes passagens temáticas. Há passagem de constelações sonoras feitas por artistas; uma espécie de intervenção artística sonora. Também há as passagens dos quadrinhos, em que os artistas criam pequenas histórias, como tirinhas, que são colocadas em uma máquina de vendas, e, com dois euros, você pode comprar uma revista em quadrinhos, que muda a cada três meses. Há ainda a passagem da literatura, que, tal como na passagem da história em quadrinhos, onde são vendidas pequenas histórias sobre Viena, em que cada autor conta como experimenta a cidade. São escritas por diferentes autores e muitos deles são residentes artísticos. Em nossas residências artísticas sempre há pelo menos um escritor, muitos da região do Mar Negro, e eles normalmente contribuem nesse quesito.

No programa educacional oferecemos visitas guiadas a escolas, turmas escolares e grupos de jovens. A intenção é colocá-los para ver como o trabalho criativo pode ser. Estamos próximos dos espaços de trabalho e, assim, se as turmas escolares se interessam por, por exemplo, programação, vídeo, jogos, jogos de computador, e quiserem conhecer pessoas que fazem isso, levamos essas turmas para conhecer uma agência chamada Broken Rules. Essa agência programa videogames e também tem uma residência artística. Assim, levamos essa turma para que os residentes apresentem seu trabalho, o que eles estão fazendo. Na maioria das vezes, para aqueles jovens é a primeira vez que conhecem um artista. É um momento muito emocionante para eles; é bonito e é muito diferente quando o comparamos com uma visita guiada normal, porque é muito mais vibrante, é uma troca de ideias.

Outro espaço que temos é o de exposição, o Freiraum Quartier 21 Internacional, fruto de cooperação com o Ministério das Relações Exteriores da Áustria, que nos ajuda a recrutar artistas internacionais para participarem de mostras, e curadores internacionais para realizarem exposições de arte contemporânea sobre temas atuais. Por exemplo, tivemos uma exposição no ano passado chamada “Faceless”. Tratava-se de discutir questões como o fato de que há pessoas que querem estar no *Facebook*, compartilhar tudo no *Facebook*, todos seus arquivos, suas fotos, todos os seus pensamentos; e há aqueles que não querem ser filmados em público por câmeras de segurança ou algo do tipo. Essa foi uma das questões discutidas nessa exposição só para exemplificar que tratam de assuntos atuais.

E, novamente, temos o espaço público do qual falei anteriormente, em que há esses cubos de vidro onde as pessoas trabalham ou apenas exibem seu trabalho ou projeto mais recente. Um projeto que aconteceu há pouco foi o seguinte: cada pessoa que estava trabalhando ali teria que descrever o que o vizinho estava fazendo, descrever o que pensam deles ou do que eles fazem. Foi um bom projeto porque se sentaram juntos para fazer o que eles tinham que fazer, e, então, tiveram que discutir “como faremos isso?” Isso trouxe uma nova vibração ao dia a dia e foi um projeto realizado para o encerramento do Art Week, ocorrida recentemente.

E, finalmente, são realizados eventos ao ar livre no verão e no inverno, que é quando nós colaboramos com instituições e parceiros externos. Por exemplo, existe um festival bastante grande no verão, em que autores austríacos têm a oportunidade ler seus livros e muitas pessoas se sentam para escutar o autor. Tem uma atmosfera surpreendente, nenhum carro, nem nada, é um festival muito popular.

O Frame[ou]t é um festival de cinema que acontece também no verão, uma vez por semana. São temas específicos a cada ano.

Também recebemos DJs, que ficam no pátio tocando sua música à noite e há certos lugares em que se pode ouvir melhor — para aqueles que querem só apreciar a música.

Houve um experimento onde colocaram grama no concreto, no chão, por duas semanas, e foi uma sensação tão diferente; todo mundo passeando por ali só para relaxar, deitar na grama, foi ótimo e cheirava maravilhosamente — fez uma diferença.

No inverno da Áustria temos os tradicionais mercados de Natal, assim como na Alemanha. Mas, no MQ não fazemos os mercados de Natal da forma tradicional. Nós os tomamos um pouco mais artísticos; montamos tendas e, assim, restaurantes e cafés têm a oportunidade de vender alimentos e bebidas lá. Existe uma bebida que em inglês se chama *mulled wine*, uma espécie vinho quente, e é vendida lá. E, de novo, tem música e têm pessoas que simplesmente querem se encontrar, vão lá para passear, para ver algo artístico.

Especialmente no inverno, há muitas projeções sobre o museu, que é uma maneira muito artística de se apresentar. Então há diferentes artistas que usam isso como uma plataforma. Tivemos John Fekner, um famoso artista de rua. Ele fez residência artística em 2013 e, durante esse período, perguntamos se ele queria pintar umas tendas. Ele, então, grafitou em cada uma delas uma palavra e que, todas juntas, formavam *“Your space has been invaded”* (seu espaço foi invadido).

E, por fim, há também no MQ, durante o inverno, a prática de um esporte bastante popular na Áustria, o curling, no qual se lança, o mais precisamente possível, um objeto chamado “pedra” em direção a uma pequena área. Eu não sei se alguém aqui já havia visto; talvez nos Jogos Olímpicos de Inverno. E, assim, as pessoas se divertem.

Muito obrigada.

*Após a conferência, a palestrante respondeu a algumas perguntas da plateia, cujas respostas estão aqui compiladas por conterem informações importantes que complementam os aspectos expostos anteriormente.*

Não estive desde o início da implantação do MQ para saber como foi o processo de sensibilização e convencimento do poder público, da iniciativa privada e da comunidade local a respeito; posso apenas falar do que li e ouvi a respeito. A Áustria é muito pequena, é uma sociedade fechada. Foi importante o poder de convencimento político do primeiro diretor, um homem muito assertivo, articulado e com vontade política. Morou em New York por muito tempo, doze ou treze anos, inspirou-se e adaptou diversos programas à realidade austríaca.

No início do processo de transformação do espaço do entorno do MQ, houve a resistência de um grupo por temer que o local fosse descaracterizado, que fossem construídos prédios novos etc. Agora, a comunidade está bastante apropriada do espaço.

As mudanças e os planejamentos do trabalho ocorrem enquanto caminhamos. Não é um trabalho totalmente horizontal, há um chefe que toma decisões. Há desafios.

Estabelecer parcerias com países em desenvolvimento é difícil. Fico frustrada por não poder fazer nada a respeito. Estas são questões muito políticas, não são definidas por apaixonados pelo conteúdo e pela causa.

Há no MQ alguns projetos de inclusão social, como o de artistas de rua, mas nada semelhante ao trabalho realizado pelo Ponto de Memória Terra Firme, em Belém.

Hoje, os recursos que sustentam o MQ são de três tipos:

- Recursos públicos federais: permitem que a maior parte dos serviços prestados pelo MQ seja de utilização gratuita;
- Aluguéis: há três categorias, comercial, parcialmente comercial e artístico. O departamento de marketing aluga espaço para conferências, salas para negócios e para empresas também – mais caros, porque fogem do escopo criativo;
- Patrocínio: a instituição tem dois grandes financiadores, um banco e uma empresa.

*José Augusto de Paula Pinto* – Estamos num evento que trata da criatividade. Foi aqui exposta uma série de ações e exemplos de usos criativos do complexo cultural. E chama a atenção a diversidade de ações desenvolvidas com muita liberdade. Um museu é um espaço presente, mas que mira o futuro. Há semelhanças entre o MQ e alguns museus brasileiros, mas que não têm tanta liberdade de trabalhar, transformar, escolher e, assim, tornam-se mais conservadores. O que vimos foi um museu do presente com um olhar para o futuro. Mudanças ocorrem muito rapidamente; é maior a velocidade de transformação. Agradeço a honestidade e simplicidade da conferencista Ulrike durante sua fala. Agradeço às pessoas de Belém por sua receptividade, estou encantado com os museus daqui. Vamos pensar em nossos museus como algo que contemple o futuro e evoque a criatividade presente no Quartier21. Nossos museus também precisam se abrir e se mostrar como lugares que contemplem a diversidade. Muito obrigado.